

## ANÁLISE DO PROCESSO TRADUTÓRIO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVA: REPORTAGENS TURÍSTICAS BÍLINGUES DA REVISTA VIVER BAHIA

Jacqueline Laranja Leal MARCELINO  
UNEB - Universidade do Estado da Bahia  
jaclaranja@gmail.com

**Resumo:** A partir de estudo centrado em reportagens turísticas bilíngues impressas, veiculadas na revista *Viver Bahia*, edições de janeiro e abril/maio, respectivamente edições nº 05 e 08 abordando as maiores festas populares da Bahia: carnaval e São João, publicadas pela Bahiatursa, órgão oficial de promoção do turismo na Bahia, procede à análise do processo tradutório: português/inglês de textos de divulgação de turismo dirigido a leitores brasileiros e estrangeiros. Os textos que compõem as supracitadas reportagens constituem o corpus da pesquisa. A análise dos dados realiza-se à luz do instrumental teórico-metodológico fornecido pela Análise de Discurso da linha francesa nos moldes de Michel Pêcheux que dialoga com a concepção contestadora de tradução, também se opondo à concepção tradicional de tradução. Tecem-se, ainda, considerações teóricas sobre reportagens turísticas bem como sobre a natureza jornalística ou publicitária destas reportagens. A partir da comparação entre os textos em apreço, nas versões português/inglês, o processo tradutório é analisado como processo discursivo. Neste estudo evidencia-se que a tradução resulta da interpretação do tradutor, que está associada à sua interpelação, como sujeito, quanto às determinações sócio-históricas implicadas nesta dinâmica. Por sua vez, o discurso que resulta do processo tradutório representa uma possibilidade dentre outras oferecidas pelo interdiscurso ao sujeito-tradutor que dirá aquilo que lhe possibilita sua posição-sujeito no exercício de sua atividade.

**Palavras-chave:** Reportagens Turísticas; Processo Tradutório; Análise de Discurso.

### 1. Introdução

Experiências que vivemos enquanto docente de Língua Inglesa dos cursos de turismo e letras no sul da Bahia despertaram nossa atenção pela questão da divulgação impressa do turismo no Brasil, em especial da Bahia, produzida em língua inglesa, normalmente a partir de textos escritos em português.

Dentre as nossas práticas docentes, realizamos visitas técnicas de turismo com objetivo de coleta de material promocional bilíngüe (português/inglês) e entrevistas a estrangeiros. Tivemos, também, a oportunidade de desenvolver atividades em sala de aula a partir do material coletado, constituído por folders, panfletos e revistas bilíngües (português/inglês) promocionais produzidos pela Bahiatursa. Análises destes textos revelaram o caráter multidisciplinar dos mesmos, uma vez que envolviam conhecimentos diversos: antropologia, história, cultura, geografia, políticas públicas e da própria língua inglesa, dentre outros. Considerando as publicações consultadas, a revista *Viver Bahia* despertou nossa especial atenção, pela riqueza dos seus textos bilíngües.

Interessante destacar que apesar de os textos em inglês aparecerem lado a lado com os textos em português, seguindo a formatação tradicional de publicações bilíngües, a exemplo

das publicações promocionais de linhas de transporte aéreo, disponibilizadas durante vôos, em muitos dos textos observamos diferentes estruturas/organização de parágrafos entre tais textos, o que em uma primeira leitura, em diversos momentos levou alguns de nossos alunos a questionarem se realmente era tradução a partir do texto em português ou se era outro texto produzido especialmente para estrangeiros. A partir desta e de outras inquietações similares, nasceu o desejo de estudar este processo de tradução.

Diz-se que traduzir é uma atividade que existe desde tempos muito remotos. É uma atividade necessária e indispensável porque os seres humanos falam línguas diferentes, mas esta prática só passou a ser considerada um ato fundamental do intercâmbio humano no século XX.

Os estudos de tradução que surgiram a partir do interesse nas traduções literárias, atualmente se expandem investigando a tradução em outros tipos de textos: técnicos, esportivos, religiosos, políticos e publicitários, cuja produção vem se multiplicando por necessidades diversas: assuntos diplomáticos, comércio exterior, turismo externo, formação/atualização acadêmica dentre outras, somado ainda à necessidade de conexão entre as pessoas de diferentes partes do mundo que estão cada vez mais próximas, quer seja pela facilidade de deslocamento, quer seja pela aproximação via tecnologias. Assim sendo, pela complexidade e relevância, o campo de tradução tem atraído muitos pesquisadores.

Nossa pesquisa abarca esse campo do conhecimento já que tem como objetivo geral analisar a diversidade de sentidos das reportagens turísticas bilíngües, português/inglês, quando comparadas entre si; reportagens essas, veiculadas na revista *Viver Bahia*. Para atingir essa meta temos como objetivos específicos investigar o processo tradutório sob uma perspectiva discursiva a partir dos pressupostos teóricos da Análise do discurso, linha francesa fundada por Michel Pêcheux. Pretendemos, então, investigar o processo tradutório através do estudo das condições de produção e da historicidade da língua; bem como examinar o “controle” da produção de sentidos por se tratar de um texto midiático especializado, “encomendado” para fins específicos: promoção e venda do produto turístico *Bahia*.

Nosso objeto de estudo são reportagens turísticas bilíngües impressas, veiculadas na revista *Viver Bahia*, publicadas no ano de 2008, edições de janeiro e abril/maio, respectivamente edições nº 05 e 08. Trata-se de reportagens sobre as maiores festas populares da Bahia: São João e Carnaval.

A primeira etapa da pesquisa consistiu em leitura das reportagens constantes nas revistas do ano de 2008, dentre as quais selecionamos as reportagens sobre o Carnaval e sobre o São João da Bahia. A escolha se justifica pelo fato dessas reportagens serem as que mais se destacaram, desde as ilustrações na capa, onde cada uma delas é tema principal (respectivamente das edições nº 05 e 08), até por serem as mais extensas, ambas apresentando uma média de dezoito páginas, compondo várias subseções que exploram as temáticas destacadas de forma detalhada e diversificada.

Sabemos que o carnaval do Brasil já é bastante conhecido internacionalmente, principalmente como resultado da divulgação do carnaval do Rio de Janeiro que é um produto turístico já consolidado. Portanto, a divulgação do carnaval da Bahia se beneficia da popularidade da idéia positiva e prazerosa de carnaval no Brasil, a partir do carnaval do Rio de Janeiro. Já o São João, por ser a outra grande festa da Bahia, por outro lado, só compete em popularidade com o carnaval para o turista nacional. Sabemos que o São João da Bahia se configura como outro valioso produto turístico consolidado pela tradição, mas que carece de divulgação no exterior, como assinalam as estratégias de marketing que visam promover a popularidade do São João junto aos turistas estrangeiros.

Concomitante à seleção de reportagens, procedemos à revisão bibliográfica pertinente à análise do discurso de linha francesa que norteia nosso trabalho bem como livros, artigos e

documentos que tratam de turismo de modo geral, de turismo na Bahia, de comunicação social bem como de tradução, que constituem os temas abarcados em nossa pesquisa. Após esta etapa, começamos a análise dos dados, de natureza qualitativa à luz do instrumental teórico-metodológico fornecido pela Análise do Discurso.

Desde o início deste trabalho, reconhecemos o desafio da abordagem da tradução na perspectiva discursiva uma vez que em nossas buscas e pesquisas sobre esta abordagem, identificamos poucos pesquisadores específicos na área, alguns dos quais têm aqui retomados seus trabalhos em nossa argumentação.

## 2. A Revista *Viver Bahia* & Reportagens Turísticas

A expressão “Viver Bahia” que nomina esta publicação, foi cunhada pela Bahiatursa (Bahia, 2005 a) e utilizada no seu marketing para criar no imaginário do visitante o desejo de viver uma experiência única ao consumir o produto Bahia. O título é um convite que propõe aos turistas nacionais e estrangeiros, viver a Bahia, ou seja, se envolver ativamente em tudo que a Bahia oferece, não como meros espectadores, mas como atores participantes.

A primeira versão de a revista *Viver Bahia* circulou na década de 70, exclusivamente em português, como uma iniciativa da Bahiatursa em divulgar a Bahia para os potenciais turistas nacionais. Naquela época os atrativos turísticos da Bahia mais explorados eram os relacionados à tríade: sol, mar e sexo. O belo litoral baiano era o forte argumento para convidar o turista a conhecer a Bahia, que oferecia sol e mar o ano inteiro e cujo litoral servia de cenário para apresentar corpos bronzeados e desnudos, principalmente de mulheres, para evocar a imagem de paraíso.

Em 2007 a revista *Viver Bahia* ressurgiu, atualizada e em sintonia com os novos rumos diagnosticados para uma alavancada no turismo da Bahia. A publicação então amplia seus objetivos porque passa a visar o turista estrangeiro. Para tanto a revista passa a ser bilíngüe. A tríade sol, mar e sexo foi desfeita e ainda que o turismo de sol e mar seja ainda bastante explorado, o eixo norteador das campanhas publicitárias passa a ser o turismo cultural.

A revista *Viver Bahia*, para ser relançada, foi idealizada em sessenta e quatro páginas e tiragem de vinte mil exemplares; no ano de 2008, no entanto, a tiragem chegou a cem mil exemplares, apresentando mais de setenta páginas.

Segundo a Bahiatursa, a proposta da revista *Viver Bahia* é levar ao Brasil e ao mundo os conteúdos de turismo baiano, de forma moderna, atual e leve. A revista é distribuída gratuitamente não apenas na Bahia como também em eventos internacionais através de consulados e embaixadas ao redor do mundo.

As reportagens de a revista *Viver Bahia* apresentam as opções turísticas do estado e destacam suas atrações geográficas (praias, chapada etc.) bem como as atrações culturais, destacando as festas populares. A beleza das imagens fotográficas e os textos interessantes formam um campo atraente para leitura e estudo. Selecionamos nosso *corpus* dentre reportagens turísticas impressas, veiculadas na revista *Viver Bahia*, publicadas no ano de 2008, edições de janeiro e abril/maio, respectivamente edições nº 05 e 08. As reportagens escolhidas se apresentam, em média, com dezoito páginas cada:

1) Carnaval, vai começar a maior festa de rua do planeta/ The biggest festival on Earth is about to begin (VIVER BAHIA, p.08 a 27) com sete subseções:

Campo Grande. A passarela oficial	Campo Grande. The official parade route
Pelourinho. O espaço da tradição	Pelourinho. The place of tradition
Barra-Ondina. O palco das celebridades	Barra-Ondina. The celebrity stage
Em 2008 tem carnaval no Rio Vermelho	In 2008 carnival will also be celebrated in the neighborhood of Rio Vermelho
Trio Elétrico, o rei da festa	The trio elétrico. King of carnival
Seja bem-vindo! Guias orientam o folião	Welcome! Guides Orient the revelers
Não deixe de ver	A must see

2) São João da Bahia. A maior festa do Interior do Brasil/ São João in Bahia. The biggest country celebration in all of Brazil (VIVER BAHIA, p.08 a 29) com nove subseções:

São João da Bahia. Aquece as emoções e esquenta a economia	São João in Bahia .Heating up emotions and the economy
A força do interior	The force of the countryside
Lançamento em Sampa	São Paulo launch
30 dias de forró em Salvador	Thirty days of forró in Salvador
Xote, Xaxado e Baião em Senhor do Bonfim	Xote, xaxado and baião in Senhor do Bonfim
Espadas de Luz em Cruz das Almas	Fireworks sabers light up the night in Cruz das Almas
Jovens Paixões pegam fogo em Amargosa	Young passions ignite in Amargosa
Cachoeira arrasta-pé na beira do Rio	Cachoeira celebrates on the Banks of the Paraguaçu river
Bando Anunciador puxa festa em Itaparica	“Bando Anunciador” heads up the festivities on the island of Itaparica

Trata-se das maiores e mais populares festas da Bahia. Na reportagem do Carnaval são focados os circuitos carnavalescos em Salvador sendo que na reportagem sobre o São João é apresentada a festividade em toda a Bahia com ênfase no interior.

Clarissa Amaral<sup>1</sup> esclarece que a revista *Viver Bahia* foi lançada nos anos 70, pela Bahiatur, com o objetivo de atingir um público qualificado. Apesar de já naquela época ser uma publicação muito prestigiada, acabou saindo de circulação sem maiores explicações no final dessa mesma década, sendo que quando Domingos Leonelli assumiu a Secretaria de Turismo, no início de 2007, resolveu reeditá-la, uma vez que o turismo do estado carecia de uma publicação desse tipo. Como a revista tinha um custo elevado, ele resolveu fazer um convênio com a Associação Brasileira da Indústria de Hotéis (ABIH) – seção Bahia, para a contratação de uma empresa do ramo que pudesse comercializar anúncios e assim cobrir os custos da revista. A ABIH então contratou a empresa Calção de Banho, que ficou responsável tanto pela parte jornalística quanto pela comercial, além, é claro, da sua impressão.

A experiência, porém, enfrentou dificuldades, sobretudo, pela falta de experiência da empresa na área de comercialização de anúncios publicitários, o que levou a revista a ser deficitária.

Em setembro de 2008, a Secretaria de Turismo promoveu uma reestruturação da sua Comunicação Institucional. Nessa reestruturação, incluiu uma área de publicações, que passou a ser responsável também pela edição da revista que estava há seis meses sem circular.

<sup>1</sup> Atual jornalista responsável pela revista *Viver Bahia* atendendo nosso pedido, via e-mail, em 26 de maio de 2010, às 19h28min, traçou um pequeno histórico da reedição desta publicação bem como respondeu algumas perguntas nossas enviadas também por e-mail.

Identificamos então que os números da revista que compõe o nosso corpus foram produzidos pela empresa Calção de Banho e que a tiragem média da revista na época era de 100 mil exemplares.

A distribuição nacional e internacional é feita em eventos promocionais do destino turístico Bahia, através da Bahiatursa, e no envio da revista para agências de viagem e operadoras de turismo, do Brasil e dos principais países e estados emissores de turistas para a Bahia.

Existe um *feedback* sobre a contribuição desta publicação para o setor a partir de questionários de pesquisa. Uma das questões abordadas diz respeito ao meio pelo qual o turista tomou conhecimento do destino e/ou das atrações turísticas visitadas. Verificou-se que a revista Viver Bahia tem sido destacada como uma das referências da divulgação do turismo na Bahia. Além disso, recebem-se muitos e-mails e outros tipos de mensagens com comentários sobre a revista e sugestões de pauta.

Quanto à formação acadêmica da equipe de tradutores das edições que compõe nosso estudo, Clarissa Amaral esclarece que a líder da equipe era Mollie Cerqueira, mestre, com experiência em jornalismo e que a equipe contava com Andris Walter que é economista, Bennett Paris que é escritor e mestre em Letras, Erica Woods também escritora e poeta, sendo que o revisor final era William Pickett, formado em espanhol e francês e especialista em tradução. Clarissa acrescenta que os textos a serem traduzidos eram divididos de acordo com o interesse e capacidade específica de cada integrante da equipe e que a relevância da experiência coletiva desses profissionais não pode ser subestimada.

Clarissa ressalta que “todos são americanos com conhecimento profundo da cultura baiana” destacando que Mollie reside na Bahia há 25 anos, Bennett e William há 20 anos, Andris há 15 anos e que Erica deixou a Bahia em 2009 onde residiu por 10 anos.

A partir dessas últimas informações, constatamos mais uma particularidade do nosso corpus: as reportagens são primeiramente escritas em português, sendo que uma equipe especializada em tradução, que conhece profundamente a cultura baiana e que contrariamente à nossa expectativa de se tratar de uma equipe de tradutores composta por brasileiros, trata-se na verdade de uma equipe formada por americanos, ou seja, falantes nativos de inglês.

Quanto à metodologia aplicada em nosso trabalho é importante destacar que por concordarmos com a relevância em estabelecer a especificidade e distinção do estudo de tradução sob a perspectiva discursiva de outras possíveis abordagens do estudo de tradução, adotaremos em nosso trabalho a denominação “processo tradutório”.

A expressão **processo tradutório** foi proposto por Mittmann (2003, p. 35) para abordar o estudo das notas do tradutor sob uma perspectiva discursiva:

[...] O fato de estarmos falando de um lugar particular, sob um novo quadro teórico e epistemológico, leva-nos a considerar também um objeto de reflexão particular que, no caso, é o que chamamos Processo Tradutório. Um processo discursivo, que é gerador de um produto e que se materializa neste produto: o texto da tradução.

A autora afirma que analisar o processo tradutório sob a perspectiva da AD implica em desvendar as condições históricas de produção de sentido e, portanto recorrer às categorias analíticas desta teoria.

Já a questão dos sentidos é o cerne da AD. O sentido é “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas” (PÊCHEUX e FUCHS, [1975]1997, p.169).

Entende-se, então, que o sentido não tem origem em si, assim como os dizeres ou textos não produzem mensagens unívocas a serem decodificadas. A apreensão do sentido se dá na relação mantida entre quem o produz quem o lê ou ouve, bem como na relação com

outros textos, outros discursos. Não existe um único sentido, mas sim sentidos múltiplos, dispersos e circulantes.

Verificamos ainda que o discurso é considerado como efeito de sentidos entre os interlocutores e que apresenta uma materialidade lingüística. Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997) advertem que esta materialidade implica em a língua constituir o lugar material onde se concretizam esses efeitos de sentido, onde se efetua o discurso como processo.

Pêcheux ([1983]1990, p.43) propõe que seja considerado “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica e um saber que não se transmite, e que não se aprende não se ensina, e que, no entanto, existe produzindo efeitos” em oposição à concepção de língua como exercício de significações estabilizadas e normatizações reguladoras. A AD então, não considera uma base estabilizada, uma vez que se assim fosse só poderia admitir desvios. Ao contrário, AD admite o equívoco ou deslizamentos como ocorrências constitutivas da língua já que estes evidenciam a intervenção da história. A historicidade entendida não apenas como uma intervenção da história externa, mas sim da historicidade inerente à própria língua.

### 3. Análise do Processo Tradutório na Perspectiva Discursiva

A proposta de nosso estudo é analisar o processo tradutório das reportagens turísticas bilíngues na perspectiva discursiva. Ressaltamos que o trabalho precursor de análise de tradução na perspectiva da AD desenvolvido por Solange Mittmann (2003) muito nos inspirou e norteou.

Destacamos, no entanto, que enquanto Mittmann desenvolveu seus estudos a partir do estudo do processo tradutório de outros idiomas para o português, nosso trabalho foca o inverso: a tradução de textos escritos em português e, posteriormente, traduzidos para a língua inglesa.

Gostaríamos de ressaltar, também, que a pesquisadora supracitada adotou como objeto de análise o discurso do tradutor por meio da análise das notas de tradução (doravante N.T.) e identificou como um lugar em que se evidencia o embate entre as tentativas de controle de multiplicidade de sentidos e a dificuldade deste controle, sendo que esse embate se configura como constitutivo do processo tradutório pela multiplicidade de vozes e sentidos que estão envolvidos nessa dinâmica.

Mittmann (2003) focou seu estudo no discurso da tradução e não *sobre* tradução. A partir do discurso do tradutor nas NTs de várias obras traduzidas por diferentes tradutores, a autora tomou o conjunto formado por sequências textuais (trechos do texto da tradução e as NTs), bem como, demais fragmentos de contexto, caracterizando uma operação discursiva em estudo, constituindo um recorte como definido por Orlandi com “uma unidade discursiva que se constitui de fragmentos correlacionados de linguagem e situação” (1996a, p.305).

Estas dificuldades identificadas por Mittmann contrastam com a noção tradicional de tradução como transporte de informações de forma asséptica, que transmite uma noção de automatismo, sem embates.

Ainda sobre notas de tradução, lembramos que Ana Cristina Cesar (1988) em seu trabalho de tradução do conto *Bliss*, de Katherine Mansfield, nomeia as NTs de “notas de pé de página”, e reflete que existem escritores que, a fim de facilitar a leitura, reduzem ou eliminam completamente as notas de pé de página, assim como existem aqueles que se valem de enorme número de notas, inclusive para que suas pesquisas não passem despercebidas por seus leitores (CESAR,1988, p.11).

No caso dos textos que compõem nosso corpus, possivelmente pela característica publicitária, constatamos a inexistência de notas de rodapé. Então, diferentemente da estratégia adotada por Mittmann (2003) para estudar a tradução, não pudemos trabalhar aqui

com as notas do tradutor ou notas de rodapé. O procedimento que adotamos para analisar o processo tradutório foi a comparação direta entre os textos escritos em português e aqueles que são sua tradução em inglês, observando fatos linguístico-discursivos recorrentes e que nos parecem relevantes, neste trabalho de tradução do texto em português para o texto em língua estrangeira, no caso a língua inglesa.

Aprendemos, então, nas várias leituras e confrontos entre os textos (isto é aquele na língua de partida, em português; e aquele na língua de chegada, em inglês), evidências linguísticas e discursivas do processo tradutório que apontam para sentidos múltiplos do texto, para o embate na ilusão do controle do sentido, para a não neutralidade do tradutor que, ao interpretar, é interpelado por formações discursivas que lhe são próprias, recorrendo à memória e ao interdiscurso para selecionar formas de dizer “a mesma coisa” entre línguas diferentes.

Do confronto entre o texto de partida e o texto de chegada, foi possível observar alguns fatos linguísticos e discursivos que se mostraram recorrentes e instigantes quanto à questão que estamos a estudar: o processo tradutório. Para efeito de análise selecionamos alguns dos mais regulares e recorrentes desses fatos e a partir deles foi possível estabelecermos os recortes para estudo, agrupados e expostos conforme a seguinte categorização:

- a) Tradução da mesma palavra ou expressão de formas diferentes ao longo de um mesmo texto e/ou entre textos diferentes.
- b) Acréscimo de informações não contidas no texto de partida ao texto de língua de chegada.
- c) Omissão no texto de chegada de informações presentes no texto de língua de partida.
- d) Tradução de palavras, expressões e estruturas por correspondentes com sentidos bastante distanciados do esperado.

Os recortes a serem trabalhados são apresentados primeiramente na versão em português e em seguida em língua inglesa e identificados com letras do alfabeto: “x” português e “x’ ” inglês, seguindo a ordem crescente das páginas das reportagens em que aparecem, conforme referências nos próprios fragmentos.

- Tradução da mesma palavra ou expressão de formas diferentes ao longo de um mesmo texto e/ou entre textos diferentes:

Destacamos nesse grupo, algumas mesmas palavras ou expressões que figuram traduzidas de formas diferentes ao longo de um mesmo texto, ou entre textos diferentes do corpus do nosso trabalho.

- A expressão “**Quebra-pote**” (revista *Viver Bahia*, nº 08, p.08, 09, 14 e 15) aparece no texto *São João da Bahia: A maior festa do interior da Bahia*. Verifica-se aqui a tradução feita através de uma paráfrase que explica a brincadeira do Quebra-pote:
  - a) [...]. Os fogos de artifício, pau-de-sebo e **quebra-pote** animam a meninada. São João na Bahia é festa para toda a família. Brincam velhos, jovens e crianças. (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº08, p.08).
  - a’) [...]. Fireworks, climbing the greased pole and **breaking the goody-filled jug**<sup>2</sup> delight the children. In Bahia, São João is a festival for the entire family: elders, youngsters and children alike have fun together. (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº08, p.09).

---

<sup>2</sup> (...) quebrar o pote recheado.

Já no texto: *30 dias de forró em Salvador*, o sujeito-tradutor mantém a expressão “quebra-pote” em português, acompanhada por uma explicação sobre o termo:

b) No Cruzeiro de São Francisco foi idealizado um espaço para crianças com várias brincadeiras típicas; casamento na roça, pau-de-sebo e **quebra pote**. (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº 08, p.14).

b’) At the Cruzeiro monument in front of the São Francisco Church, an area will be reserved for children to take part in June traditions, such as enacting a backwoods wedding, climbing a greased pole and **quebra pote, a game where a blinded folded player with a stick tries to break a hanging clay pot filled with goodies**<sup>3</sup>. (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº 08, p.15).

Essas duas diferentes materializações na tradução da mesma expressão: “quebra-pote”, nos recortes acima, evidenciam as diferentes possibilidades de gesto de leitura e interpretação do sujeito-tradutor a partir do texto original. As duas paráfrases: *“breaking the goody-filled jug”* e *“a game where a blinded folded player with a stick tries to break a hanging clay pot filled with goodies”* utilizadas para explicar a expressão “quebra-pote” buscam proporcionar elementos que permitam ao leitor da língua de chegada, constituir sentido pela explicação em que consiste tal brincadeira. Essas duas possibilidades representam também as possibilidades encontradas pelo sujeito tradutor nas buscas empreendidas em seu interdiscurso.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986), doravante Dicionário Aurélio, “quebra-pote” é: “brinquedo em que alguém de olhos vendados, tenta com um pau quebrar um pote pendente de árvore, gancho etc” (p.1429).

Por tradição sabe-se que o pote deve estar cheio de balas, doces ou pequenos presentes que serão o prêmio daquele que conseguir cumprir o intento.

A primeira paráfrase (*“breaking the goody-filled jug”*) descreve a brincadeira simplesmente privilegiando a ação de “quebrar” o pote recheado, sem mencionar os detalhes que caracterizam a brincadeira. Já, a segunda paráfrase se aproxima mais da explicação encontrada no Dicionário Aurélio, pois se trata de uma brincadeira e como se brinca: o participante terá os olhos vendados e receberá uma vara de pau para tentar cumprir o objetivo de quebrar o pote de barro recheado de guloseimas que estará pendurado.

Pela comparação entre si das diferentes paráfrases nos dois recortes apresentados e ainda as comparando com o verbete apresentado no dicionário evidencia-se o fato de que o sujeito-tradutor ao selecionar uma parte do dizível, exclui outras possibilidades.

- A expressão **“Arrasta-pé”** ( *Viver Bahia*, nº08, p.22 e 26)

No texto *Jovens paixões pegam fogo em Amargosa*, lê-se:

a) No Bosque da Cidade (29 mil metros quadrados), o **arrasta-pé** puxa o forró. O tema “Teatro de Bonecos” homenageia o mamulengo. Atrações este ano: Flávio José, Saia Rodada, Estakazero, Garotões do Forró, [...] (VIVER BAHIA, nº 08, p.22)

a’) In Bosque da Cidade, a space covering 29,000 square meters, **arrasta-pé-style forró reigns supreme**<sup>4</sup>. The theme “Puppet theater” pays tribute to the mamulengo tradition of marionettes. This year attraction include: Flávio José,

<sup>3</sup> (...) uma brincadeira onde o participante, de olhos vendados, segura uma vara a fim de tentar quebrar um pote pendurado que se encontra recheado de guloseimas.

<sup>4</sup> (...) o forró estilo arrasta-pé reina soberano.

Saia Rodada, Estakazero, Garotões do Forró, [...] (VIVER BAHIA, nº 08 p.22).

Enquanto no texto em português o substantivo “arrasta-pé” está funcionando como sujeito da oração, criando efeitos de sentidos de que o baile, a festividade puxa/pele forró (o objeto direto no caso, forró) o sujeito tradutor no texto em inglês utiliza a palavra “arrasta-pé” como um adjetivo, significando estilo específico de forró que predomina neste local. Ao proceder a esta tradução favorece outros efeitos de sentido já que a palavra “arrasta-pé” passa a funcionar como adjetivo restritivo e confere destaque como uma modalidade de forró, palavra que passa a funcionar como sujeito da oração em inglês, aqui traduzida “[...] o forró estilo arrasta-pé reina supremo.”

O sujeito-tradutor recorre a essa possibilidade de tradução quando teria a alternativa de uma tradução mais literal e mais fiel à estrutura sintática da frase em português: “*the celebration commands forró*” (sugestão nossa).

Em sua tradução, o sujeito-tradutor se serve da significação de arrasta-pé como algo atrelado a forró, e não como uma celebração que compõe, junto com o forró, um cenário de festividades juninas: arrasta-pé neste interdiscurso se entende como modalidade de forró.

Observamos ainda, outra abordagem da expressão “arrasta-pé”, ao compararmos o título de um dos textos em português que compõe a reportagem de São João com o título em inglês do texto correspondente (VIVER BAHIA nº 08, p.26):

b) *Cachoeira arrasta-pé na beira do rio*

b') *Cachoeira celebrates on the Banks of the Paraguaçu river*

Percebemos que o sujeito-tradutor substituiu a expressão “arrasta-pé”, por “celebrates”, equivalente a celebrar. Assim como o redator do texto em português utiliza a expressão *arrasta-pé* como verbo indicando que as pessoas em Cachoeira dançam forró na beira do rio; o sujeito tradutor recorre ao interdiscurso de sua *FD* e seleciona o verbo “*to celebrate*”, como possível correlato de “arrasta-pé”. Dançar e celebrar resultam em efeitos de sentidos de celebração e/ou comemoração, e celebrar surge como tradução possível de *arrasta-pé*, *dançar*, para descrever a comemoração, pela dança, das festas juninas.

O Dicionário Aurélio (1986) define arrasta-pé como “baile popular, forró” (p.197). Apresenta como sinônimos os termos forró e arrasta-pé. De acordo com esse registro, arrasta-pé é simplesmente forró, e mais nada. Não um estilo de forró, não algo diferente de forró como parece sugerir o texto em inglês, mas, tão somente, forró como arrasta-pé. Interessante observar que essa compreensão não é vista nem na primeira nem na segunda das passagens aqui analisadas. Trata-se de um terceiro sentido atribuído e não trabalhado nos textos vistos.

- Acréscimo de informações não contidas no texto de partida ao texto de língua de chegada:

Percebemos a prática do sujeito-tradutor de incluir algumas informações no texto de língua de chegada, ao traduzir o texto do português para inglês. As informações incluídas apresentam, de modo geral, caráter explicativo, semelhantes às observações complementares, presentes nas traduções no formato das tradicionais notas de tradução, tal como já visto, de modo breve, na seção precedente. Aqui, porém, os acréscimos são mais independentes do texto na língua de partida e se caracterizam como um novo olhar sobre aqueles significantes ali postos, como informações novas acrescentadas constantes nas paráfrases dos termos que estão sob tradução, ora revelando os embates sobre as possibilidades de sentido, ora para fornecer informações relativas a lugares, eventos e costumes típicos locais.

- ... agogôs and xequerés (**primitive percussion instruments**)

No texto *Pelourinho. O espaço da tradição*, no terceiro parágrafo lê-se:

- a) O Afoxé Filhos de Gandhi, fundado em 1949, é um herdeiro dessas tradições negras baianas. Na tarde do domingo de carnaval, seu desfile começa com a oferenda (padê) a Exu ( entidade que abre os caminhos, o senhor do movimento), em frente à sede na Rua Gregório de Matos, 53, no Pelourinho. Os clarins anunciam o início do cortejo; **agogôs e xequerés** marcam o ritmo de ijexá.(grifo nosso) ( VIVER BAHIA, nº05, p.16).
- a') The afoxé Filhos de Gandhi, founded in 1949, inherited an upholds Bahian's African-inspired traditions. In the afternoon of Carnival Sunday the pageant begins with an offering ( padê) to Exu- the deity who opens paths, ruler of movement, in front of its headquarters at 53 Rua Gregório de Matos, in Pelourinho. Bugles announce the beginning of the procession, agogôs and xequerés (**primitive percussion instruments**)<sup>5</sup> mark the beat of the ijexá rhythm. (grifo nosso) ( VIVER BAHIA, nº05, p. 17).

Observamos que o sujeito-tradutor assume que os termos de origem africana: agogôs e xequerés são desconhecidos dos turistas estrangeiros e se põe a explicá-los, entre parênteses, conforme destacamos em negrito. A inserção de toda a expressão “*primitive percussion instruments*” (instrumentos primitivos de percussão), não está no texto de partida; o entendimento destes instrumentos tal como traduzido se faz pela leitura do sujeito-tradutor sobre o texto de partida permitindo a ele um gesto de interpretação tal como colocado, isto é, atribuindo tais sentidos de “primitivismo” aos instrumentos referidos. O sujeito-tradutor fala de um lugar, relacionado a uma *FD* a lhe autorizar o que deve e o que pode ser dito, a qual por sua vez, está relacionada a uma Formação Ideológica que considera tais instrumentos de percussão como instrumentos primitivos.

- ... John the Baptiste, cousin and godfather of Jesus Christ, who was beheaded **by order of Herod** at the request of Salome [...].

No texto *Cachoeira arrasta-pé na beira do rio*, primeiro parágrafo lê-se:

- a) Em Cachoeira existem cerca de 40 terreiros, geges, nagôs e angoleiros que saúdam Xangô Menino, enquanto que, nas ruas, as chamus comemoram o nascimento de João Batista, primo e padrinho de Jesus Cristo que teve a cabeça cortada a pedido de Salomé. [...] ( VIVER BAHIA, nº08, p.26).
- a') In Cachoeira the nearly 40 Candomblé houses of worship from the Gegê, Nagô, and Angola nations honor the the Boy Xangô, while in streets, bonfires celebrate the birth of John the Baptiste, cousin and godfather of Jesus Christ, who was beheaded **by order of Herod**<sup>6</sup> at the request of Salome.[...] (grifo nosso) ( VIVER BAHIA, nº08, p.26).

Observamos que a frase em negrito foi acrescentada pelo sujeito-tradutor. A inclusão da expressão “*by order of Herod*” ( por ordem de Herodes), acrescentando informação não

<sup>5</sup> (...) instrumentos primitivos de percussão.

<sup>6</sup> (...) por ordem de Herodes.

apresentada pelo autor do texto de partida, aponta para uma posição discursiva do sujeito-tradutor alicerçada em uma FD religiosa que prevê uma relação mais intensa na atuação entre os dois personagens bíblicos responsáveis pela morte do profeta João Batista. Vê-se aí um gesto de interpretação não permitida pela concepção tradicional da tradução, que não admite a atuação do sujeito-tradutor como um autor em seu trabalho de tradução.

- **... after presents have been taken out to Yemanjá**

No segundo parágrafo do texto *Em 2008 tem carnaval no Rio Vermelho*, lê-se:

a) O carnaval no Rio Vermelho vai funcionar de sexta a domingo de carnaval (1º a 3 de fevereiro) e não terá trios elétricos. Todos vão tocar no chão. Cinco palcos serão instalados. O principal deles, o palco 1, ficará nas quadras de futebol da Rua da Paciência e vai funcionar no dia 2 de fevereiro, após a saída do presente, com shows de Carlinhos Brown, Gerônimo, Jauperi e Mariene de Castro. (VIVER BAHIA, nº 05, p. 23).

a') The Rio Vermelho Circuit will operate from Carnival Friday to Sunday (February 1- 3), and will not include trios elétricos. The main stage, Stage 1, will be located on the sports court on Rua da Paciência. Attractions will begin on February 2, after presents have been taken out to Yemanjá, featuring Carlinhos Brown<sup>7</sup>, Gerônimo, Jauperi e Mariene de Castro. ( VIVER BAHIA, nº 05, p. 23).

O sujeito-tradutor ao acrescentar no texto em inglês a frase “after presents have been taken out to Yemanjá” explica a tradição de presentear Yemanjá e situa o leitor sobre a sequência das atrações previstas.

- **...More forró CDs and DVDs are sold in Bahia than anywhere else in Brazil.**

No texto *São João in Bahia, the biggest country celebration in all of Brazil* no antepenúltimo parágrafo observamos outro acréscimo:

a) Ao gosto de cada um, a pluralidade musical impera nos palcos do campo e das cidades. Há desde anônimos forrós pé-de-serra às grandes bandas e atrações musicais da música popular brasileira. Aliás, nos últimos anos diz-se que os forrozeiros de todo o Brasil vem para cá neste período. Bote fé. (VIVER BAHIA, nº 08, p. 8).

a') To the delight of all, music for every taste reigns on stages throughout the countryside and in the cities. The talent ranges from anonymous forró bands from the foothills to big bands and famous musical attractions of Brazilian popular music. Moreover, in recent years, it is said that *forró* lovers from all over Brazil come to Bahia to celebrate São João. You can believe it! **More forró CDs and DVDs are sold in Bahia than anywhere else in Brazil.**<sup>8</sup> (grifo nosso) ( VIVER BAHIA, nº 08, p. 9).

<sup>7</sup> (...) O palco principal, palco 1, estará situado nas quadras de esporte na Rua da Paciência. As atrações começarão no dia 02 de fevereiro, depois que os presentes tiverem sido despachados para Yemanjá, com shows de Carlinhos Brown.

<sup>8</sup> (...) Cds e DVDs de forró são mais vendidos na Bahia do que em qualquer outro lugar do Brasil.

A frase em negrito: **More forro CDs and DVDs are sold in Bahia than anywhere else in Brazil** não existe no texto de partida, configura-se portanto, como mais um acréscimo do tradutor.

Sabemos que a magnitude da festa de São João é reconhecida pelos brasileiros pela tradição e cultura, por outro lado acreditamos que o sujeito-tradutor acrescenta dados de bons negócios (a venda de CDs e DVDs na Bahia é inigualável) tão valorizados no mundo capitalista como recurso para garantir o efeito de sucesso e grandiosidade dessa festividade para o público estrangeiro.

Esse tipo de acréscimo foi o que mais nos surpreendeu por trazer novas informações e não apenas explicações e ou complementos implícitos no texto de partida.

- Omissão no texto de chegada de informações presentes no texto de língua de partida:

Ao compararmos os textos em português com os textos em inglês, outra ocorrência constatada foi a prática de omitir informações constantes no texto de partida ao passá-lo para o idioma inglês. Detectamos frases no texto em português que não figuram nos textos em inglês como apresentamos abaixo.

- No texto *Trio Elétrico, o rei da festa*, terceiro parágrafo, lê-se:
  - a) Mas tem os chamados trios independentes que saem sem bloco. Estes são seguidos fielmente, apenas, pelo folião pipoca, **que não tem bloco e sai pulando sozinho ou com amigos** atrás do trio. Tanto no trio de bloco como nos independentes, os foliões ambulantes seguem junto, [...] (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº05, p.24).
  - a') Independent *trios* parade without an associated bloco. These trios have faithful followers who go out alone or in groups of friends, **known as pipoca because their energetic dancing behind the trios calls to mind popcorn dancing in a pan as it pops**<sup>9</sup>. Accompanying both *bloco* and independent *trios*, a host of reveling vendors follows along [...] (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº 5, p. 24).

A tradução em inglês mantém o sentido do texto em português até: known as *pipoca* (conhecido como “*pipoca*”) Na tradução apresentada, o sentido de que “folião pipoca” é aquele que não faz parte de um bloco, não pode ser construído, pela omissão do segmento do texto em português negrito “que não tem bloco e sai pulando sozinho ou com amigos atrás do trio”

Nesse mesmo fragmento observa-se ainda que o sujeito-tradutor manteve a palavra em português “pipoca” sem mencionar em qualquer momento no texto que esta palavra corresponde a “popcorn” em inglês. O sujeito-tradutor usou uma paráfrase contendo uma metáfora para explicar o que é folião pipoca: “(...)faithful followers who go out alone or in groups of friends, **known as pipoca because their energetic dancing behind the trios calls to mind popcorn dancing in a pan as it pops**”. Isto é, ele explica “folião pipoca” por meio dessa paráfrase que contém a metáfora: pipoca porque pula como os grãos de milho pulam quando estão esquentando na panela. Antes de dar entrada na metáfora, o sujeito-tradutor não disse que “pipoca” e *popcorn* são a mesma coisa; o sujeito-tradutor não faz a correspondência esperada sinonímica entre os mencionados termos.

<sup>9</sup> (...) conhecido como pipoca devido a sua dança energética atrás dos trios que lembra a dança das pipocas na panela ao pipocarem.

- Tradução de palavras, expressões e estruturas por correspondentes com sentidos bastante distanciados do esperado:

– No texto *Não deixe de ver*, que descreve a agenda do carnaval de quinta-feira a quarta-feira de cinzas, na programação de sábado lê-se:

c) A noite, **vá** ao Curuzu, no bairro negro da Liberdade, acompanhar a saída do Ilê Aiyê. (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº 5, p. 27).

– No texto em inglês, lê-se:

c') At night **venture** to Curuzu, in the neighborhood of Liberdade, **home to a large population of African descent**, to accompany Ilê Aiyê as they set out to begin their parade<sup>10</sup>. (grifo nosso) (VIVER BAHIA, nº 05, p. 27).

Observa-se que no texto em inglês seria possível a tradução do imperativo: “vá” pelo sinônimo “go” ou mesmo “visite”; no entanto a opção “venture” (aventure-se) imprime outros sentidos; a expressão “venture” sugere desafio e mistério na visita ao bairro, evocando o exótico tão ao gosto do turista estrangeiro em busca de novas experiências.

Notamos também que o texto em inglês substituiu o termo “negro” por “*African descent*”, além de caracterizar o bairro da Liberdade como lar de grande população de descendentes africanos: a expressão “[...] bairro negro da Liberdade” foi toda ela substituída por “[...] Liberdade, *home to a large population of African descent*”.

O bairro Liberdade é visto a partir de sua forte composição racial de origem africana, formada por maioria de população afro-brasileira e lugar de onde sai o famoso bloco Ilê Aiyê. Além do acréscimo ao texto de partida, percebem-se os efeitos de sentido relativos à composição racial e origem do povo da Bahia que mora, principalmente, no bairro da liberdade, não presentes no texto de partida.

#### 4. Considerações Finais

Privilegiamos o estudo do processo tradutório, isto é, um processo discursivo que vai gerar um produto que vai ser materializado na tradução do texto.

A análise e a interpretação do processo tradutório à luz da Análise de Discurso Francesa, que nortearam o nosso trabalho de pesquisa permitiram-nos compreender o processo tradutório como processo discursivo na linha da AD francesa uma vez que essa atividade se materializa através da relação do discurso original com outros discursos identificados no interdiscurso produzindo sentidos.

Entendemos também que a natureza publicitária dos textos reflete as condições de produção visto que o sujeito-tradutor estava produzindo discurso sobre um produto que precisava ser atraente e convidativo a um potencial leitor/cliente consumidor.

Ao compararmos os textos em inglês produzidos a partir dos textos em português identificamos muitas diferenças entre as duas versões. Tais diferenças se materializaram no texto em inglês, através de diferentes traduções para a mesma palavra ou expressão, acréscimos, supressões, inversões na ordem dos parágrafos, dentre outras ocorrências.

<sup>10</sup>(...) À noite aventure-se em Curuzu, no bairro da Liberdade, que abriga uma imensa população de descendentes africanos a fim de acompanhar Ilê Aiyê no momento que eles surgirem para começar o desfile.

Entendemos que estas diferenças explícitas entre os textos evidenciam que o processo tradutório resulta da interpretação do tradutor em dois momentos: quando esse lê o original e quando reproduz o texto em uma segunda língua. A interpretação do tradutor sobre o texto de partida e sua tradução está associada tanto à sua interpelação como sujeito, quanto às determinações sócio-históricas implicadas no processo da tradução.

O sujeito-tradutor ao recorrer ao seu interdiscurso para identificar a melhor maneira de dizer, sob o seu ponto de vista, o que foi apresentado pelo autor na língua de partida, muitas vezes, vivencia uma dificuldade ou embate em função da pluralidade de possibilidades encontradas sendo que cada opção privilegia alguns sentidos em detrimento de outros. Encontramos muitas palavras e expressões traduzidas de diferentes maneiras através de paráfrases, tanto ao longo de um mesmo texto quanto em textos distintos. Acreditamos que estas ocorrências evidenciam estes embates. As explicações e ou complementos que se apresentam inseridos diretamente no texto, às vezes entre parênteses, separados por travessão ou mesmo sem qualquer marca tipográfica, nos lembram o expediente de notas de rodapé, ou notas do tradutor, aqui não utilizadas, porque tentam explicar ou complementar o sentido constituído e priorizado pelo sujeito-tradutor, evidenciando o embate de que vimos falando.

Atribuímos à natureza publicitária desses textos, a opção por esta estratégia de fazer inserções diretamente no texto ao invés de recorrer às notas de rodapé. Reconhecemos que um texto publicitário relacionado a lazer e turismo visa propiciar uma leitura leve, sendo que as tradicionais notas de rodapé nos remetem a trabalhos científicos ou acadêmicos que demandam informações mais detalhadas e específicas, dispensáveis neste formato.

Também creditamos à natureza publicitária dos textos o fato de que dentre os termos específicos da cultura, nem todos tenham sido explicados e/ou parafraseados.

Observamos também momentos em que o sujeito-tradutor apresenta várias paráfrases de uma mesma expressão provendo o leitor com mais elementos para produzir suas próprias leituras como acontece com a palavra “camarote” que em um mesmo texto foi parafraseada de três maneiras distintas.

Em outros momentos, entretanto, verificamos que o sujeito-tradutor acrescenta explicações que privilegiam um sentido em detrimento de outros, demonstrando uma clara tentativa de controle de sentidos. Entendemos também que o discurso que resulta do processo tradutório representa uma possibilidade dentre outras oferecidas pelo interdiscurso ao sujeito-tradutor que dirá aquilo que lhe possibilita sua posição-sujeito no exercício de sua atividade. Assim sendo, a FD e o interdiscurso afetam a interpretação do sujeito-tradutor tanto na leitura do texto original quanto nas escolhas que constituirão o texto traduzido.

Contrariamente à concepção tradicional de tradução que defende a neutralidade do tradutor, capaz de transportar significados de forma asséptica, ficaram evidentes gestos de interpretação próprios do sujeito-tradutor ao construir/reconstruir o texto em língua inglesa. Acreditamos que a concepção tradicional esteja alicerçada na ilusão do texto transparente e por isso defende a ideia de tradutor como transportador de significados estáveis quando na verdade a linguagem é opaca, e o sentido sempre pode ser outro. Nossa abordagem é pelo discurso. O processo tradutório, pela proposta aqui desenvolvida, fundamentada na Análise do Discurso pecheuxiana não envolve retransmissão de informação do texto original do tradutor para o leitor.

Entendemos que tanto o sujeito-tradutor como o leitor produzirão sentidos a partir de sua própria interpretação assim como ocorreu com o autor ao produzir o texto original. Por isso dizemos que o processo tradutório é sempre uma batalha pelo controle dos sentidos, já que se constitui na relação interlocutiva entre dois sujeitos e se faz, da relação de sentidos com outros discursos. O que vemos em nossos dados são as dificuldades do sujeito-tradutor em torno aos sentidos dos textos, sua batalha para deixar evidenciado um ou outro sentido, e, ao mesmo tempo, o descarte de outras compreensões também possíveis. O sujeito-tradutor

assim como o sujeito-autor do texto de partida, ainda que busque certa uniformidade, não tem como controlar os efeitos de sentido, pois sempre há outras possibilidades de interpretação.

## Referências

CESAR, Ana Cristina. **O conto *Bliss* anotado... ou Paixão e técnica**: tradução, em língua portuguesa do conto *Bliss* de Katherine Mansfield, seguida de 80 anotações. In: Escritos da Inglaterra. Tradução de Maria Luiza Cesar. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo Tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1997. Tradução de: Mises au point et perspectives à propos de l'analyse automatique du discours, 1975.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso: três épocas [1983]. In: GADET, F.; , HAK, T (org.). **Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Pêcheux**. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1997.

VIVER BAHIA. Salvador: Bahiatursa, ano 1, nº 05, 73 p. jan. 2008.

VIVER BAHIA. Salvador: Bahiatursa. Ano 1 , nº08, 73 p. abr./mai. 2008.